

ENSINO DE GRAMÁTICA: A PRÁTICA DO PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Sueilton Junior Braz de Lima

Graduando da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

Josefa Lidiane de Paiva

Graduanda da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O ensino de Língua Portuguesa tem sido cada vez mais desafiador para o docente, uma vez que esse ensino é voltado para a gramática normativa, a qual não possibilita a variedade do uso linguístico. Tendo em vista que a língua é uma estrutura maleável que está exposta a mudanças de acordo com o seu funcionamento. A gramática é construída e reconstruída durante o exercício da linguagem que constrói e desconstrói os significados de uma sentença.

Partindo deste pressuposto o trabalho tem como objetivo analisar a prática pedagógica do professor com relação ao ensino de gramática na escola básica. Para isso, foi realizadas coletas de dados durante 10 h/aulas da disciplina de Língua Portuguesa no município de Marcelino Vieira, durante as observações foi possível perceber que os recursos utilizados pelo docente para desenvolver o ensino de gramática é o livro didático e a gramática normativa. Desta forma, o ensino acontece de forma mecânica, monótona e fragmentada, em outras palavras, o estudo da gramática acontece a partir de frases soltas, em que os alunos devem atribuir regras gramaticais nas sentenças sem fazer uso do texto original.

Para tanto foi utilizado como suporte teórico Antunes (2003), Furtado da Cunha, Oliveira (2003), Amaral Oliveira (2010), PCNs (2000). O ensino da Língua Portuguesa em especialmente o de gramática tem acontecido de maneira tradicional, em que os professores ensinam as nomenclaturas e as regras que rege na língua sem ensinar o seu funcionamento, com isso, o ensino de gramática tem sido uma prática sem sentido.

1- A PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ENSINO DE GRAMÁTICA

O ensino de Língua Portuguesa nas escolas básicas centra-se ao ensino de gramática, o qual acontece de forma mecânica, fragmentada e tradicional. É perceptível a relevância que as escolas atribuíram ao estudo da gramática Normativa, desse modo, esse ensino acontece de forma ultrapassada, onde frases são retiradas do texto origem para fazer as análises de elementos gramaticais, o que dificulta a construção do sentido do texto. Os PCNs (2000) reforça o que está sendo discutido, quando diz que:

A perspectiva dos estudos gramaticais nas escolas, até hoje centra-se, em grande parte, no entendimento da nomenclatura gramatical como eixo principal; descrição e norma se confundem na análise da frase, essa deslocada do uso, da função e do texto.(PCNs, 2000, p.16).

É notório que o ensino de gramática aconteça de forma tradicional tendo como finalidade de tornar a língua padrão e imutável, com isso, determina regras que deve ser utilizadas por todos, passando a sensação ao falante de não saber falar a sua própria língua. Desta forma, se detém no ensino das nomenclaturas, e regras que rege a língua, no entanto, não ensina como utilizar essas competências na escrita, na leitura, na construção do sentido de uma sentença.

Sendo assim, existem estudos que busca compreender a gramática na perspectiva funcionalista, que é verificar a gramática de acordo com o uso da língua em tempo real, analisando as possibilidades de uso para que, então, possa aplicar as regras de forma que permita a construção de sentido, Antunes (2003, p. 89) afirma que “nenhuma regra gramatical tem importância por si mesma. Nenhuma regra gramatical tem garantida sua validade incondicional”.

Ensinar a língua portuguesa a seu próprio falante tem sido um desafio para os professores da área, uma vez que todos os alunos já falam o português, embora não saibam como se comportar linguisticamente em algumas situações de uso da língua. Desse modo, o ensino de português é voltado para o ensino de gramática Normativa, a qual não permite que o estudante refletisse sobre o funcionamento da língua, já que a gramática é construída e reconstruída de acordo com o uso linguagem em tempo real.

A luz de Antunes (2003, p. 85).

As pessoas, quando falam, não têm a liberdade total de inventar, cada uma a seu modo, as palavras que dizem, nem têm a liberdade irrestrita de colocá-las em qualquer lugar nem de compor, de qualquer jeito, seus enunciados. Falam, isso sim, todas elas, conforme as regras particulares da gramática de sua própria língua. Isso porque toda língua tem sua gramática, tem seu conjunto de regras, independentemente do prestígio social ou do nível de desenvolvimento em que é falado. Quer dizer, *não existe língua sem gramática*. (grifo do autor)

Mediante o que está sendo abordada, a língua por ser uma estrutura maleável está sempre exposta às mudanças de acordo com o uso, sendo assim a gramática não pode ser vista como um elemento estagnado que parou no tempo, já que o uso linguístico reflete na estrutura gramatical. A gramática é um conjunto de regras que depende do funcionamento da língua, uma depende da outra para que exista, pois, não existe língua sem gramática como também não existe gramática sem língua.

No que se refere à prática pedagógica, ainda se encontra em carência, pois os professores parte do pressuposto que os alunos já dominam a gramática e a ensina de forma superficial e simplificada como se fosse uma revisão, dando dicas para que seja utilizada em frases soltas, retiradas do texto base para que entendam sentenças gramaticais. Com isso, muitos discentes são desestimulados com relação ao estudo de gramática por não conseguir compreender como também por ser um ensino fragmentado. Com relação ao ensino de gramática, Antunes (2003, p.97) vai dizer que:

Uma gramática que seja funcional – com isso se pretende privilegiar o estudo das regras desses usos sociais da língua, quer dizer, de suas condições de aplicação em textos de diferentes gêneros. Deve-se propor; portanto, uma gramática que tenha como referência o funcionamento efetivo da língua, o qual, como se sabe, acontece não através de palavras e frases soltas, mas apenas mediante a condição do texto. (grifo do autor)

A gramática funcional está voltada para as condições de uso da língua, sendo assim, o professor deve incluir na sua prática metodológica uma gramática que tenha como proposta de estudo analisar as sentenças gramaticais a partir do texto, em vez de ser um ensino simplificado, que não leva o aluno a construir sentidos do funcionamento da língua.

2 - O ENSINO DE GRAMÁTICA CENTRADA NO USO LINGUÍSTICO.

A língua é uma estrutura maleável que está exposta a mudanças de acordo com o uso, sendo assim, a corrente funcionalista vai estudar como as pessoas tem feito uso do dialeto em seu processo acessível. Desse modo, defende a ideia de que a análise da estrutura gramatical deve ser feita a partir da interação comunicativa, investigando os fenômenos linguísticos que possibilita as variações de uso da linguagem que resulta em múltiplos sentidos. Furtado da Cunha, Oliveira (2003) reforçam a ideia do que está sendo discutido quando afirma que:

O polo funcionalista caracteriza-se pela concepção da língua como instrumento de comunicação, que, como tal, não pode ser analisada como objeto autônomo, mas como uma estrutura maleável, sujeita as pressões oriundas das diferentes situações comunicativas, que ajudam a determinar sua estrutura gramatical. (FURTADO DA CUNHA, OLIVEIRA, 2003, p.20).

Mediante a abordagem, podemos verificar que existe mais de uma possibilidade de dizer a mesma coisa, desta forma varia de acordo com a situação comunicativa do sujeito em tempo real. Com isso, pode-se constatar que a gramática sofre influência de acordo com o processamento mental, mudanças e variações, interação social e cultural, aquisição e evolução. Contudo, deve ser pensado em uma gramática funcionalista a qual possibilita o individuo a pensar na função que a palavra desempenha no contexto discursivo, que leve a interpretação do que se fala como também do que se escreve.

A partir do que foi questionada, a língua é um sistema vivo que esta vulnerável a mudanças de acordo com o meio social, é importante que o ensino de gramática esteja pautado no exercício da linguagem que constrói e desconstrói os significados de acordo com o uso. Sendo assim, não dá para analisar frases descontextualizadas como trazem as gramáticas Normativas tradicionais, de acordo com a perspectiva funcional à língua exerce uma função externa no sistema linguístico, influenciando a organização interno, em outras palavras os fatores externos e internos dependem um do outro no sistema linguístico para a construção do sentido.

3 - ANÁLISE DA AULA DE LÍNGUA PORTUGUESA.

A disciplina de Didática da língua Portuguesa que tem como carga horária 120 h/aulas, tem como ementa “reflexões sobre o ensino: leitura, escrita e gramática. Vivência de atividades docentes em escolas públicas dos níveis fundamental e médio, observando o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem de língua materna”.

Como proposta de atividade prática da disciplina, foi sugerida a produção de um artigo científico, para isso, teria que assistir 10 h/aulas da disciplina de Língua Portuguesa, onde deveria ser analisada a metodologia e a prática pedagógica do professor no desenvolvimento do ensino/aprendizado do aluno.

Este trabalho investigou como tem sido desempenhado o ensino de gramática em uma das escolas da rede estadual do município de Marcelino Vieira. Durante as observações da aula foi perceptível à carência do ensino básico, com relação ao material pedagógico utilizado pelo docente, esse se valia apenas do livro didático e da gramática.

O conteúdo trabalhado pelo docente foi “Regência verbal e nominal”, antes de iniciar as discussões acerca do assunto o professor fez uma descrição da nomenclatura, entretanto, não explicou as regras do uso da língua. No livro didático o conteúdo é abordado da seguinte forma, sugerindo que os alunos fizessem uma leitura da tirinha, representada abaixo:



FONTE: Oliveira (2009, p.34)

Após a leitura são retirados os verbos *ter*, *plantar* e *escrever* das palavras que lhes completam o sentido. Em seguida, vai explicar que:

Regência é uma relação de dependência que se estabelece entre palavras, em que uma completa a outra. O termo que exige a presença de outro para completar seu sentido chama-se *termo regente*. O termo que completa o significado de outro chama-se *termo regido*.

Com relação à regência nominal, aborda-se da seguinte forma:



FONTE: Oliveira (2009, p.38)

Evidencia-se na tirinha um substantivo regendo outro substantivo. Não há uma explicação concisa e/ou teórica sobre regência nominal. O Livro, apenas apresenta que regência nominal varia, admitindo mais de uma preposição. Apresentando alguns casos, via exposição de um quadro. Vejamos:

Substantivos	Adjetivos	Advérbios
admiração a, por capacidade de, para devoção a, para com, por dúvida sobre, em, acerca de horror a direito de, a evolução de vergonha de conquista de viagem a, através de, em, por escolha de respeito a considerado como	acessível a acostumado a, com adequado a diferente de entendido em necessário a apto a fundamentado em relacionado com, a capaz de, para grato a, por próximo a, de semelhante a acompanhado de, por	longe de perto de abaixo de defronte a, de dentro de fora de

FONTE: Oliveira (2009, p.38)

Desse modo, o livro didático não possibilita explicações sobre o tema. Bem como, não aborda de forma afinsa os conteúdos gramaticais, o que prejudica o processo de ensino aprendizagem gramatical em sala de aula.

É perceptível que o livro traz uma discussão limitada sobre o assunto, pois, ele apenas ajuda o professor a sintonizar o que deve ser trabalhado em sala de aula, desse

modo, o educador deveria pesquisar e trazer atividades que permitam os discentes refletir melhor sobre as aplicações das regras gramaticais de acordo com o uso da língua.

Ao longo das explicações sobre regência verbal e nominal, o professor utiliza como exemplo frases fragmentadas e descontextualizadas, uma vez que é preciso do texto original para que os alunos consigam compreender a função que as palavras exerciam no texto para aplicar as regras gramaticais. Os discentes não são motivados a questionar, pesquisar sobre o estudo de gramática, com isso, a maioria deles considera um estudo insignificante, pois, ninguém fala como a gramática mostra. Durante as aulas é notório que o professor não questionou sobre as diversidades linguísticas, sendo assim, os alunos acreditam que não sabe falar o português porque é uma língua muito difícil.

O ensino acontecia de forma mecânica e monótona, o docente ensinava as nomenclaturas e as regras que rege na língua centrado na gramática Normativa, entretanto, não ensinava a função que essas regras desempenhavam no uso da língua em tempo real.

Com base no que está sendo abordado o ensino de gramática deve ser estimulado, para isso o professor tem um papel muito importante, pois, ele deve buscar renovar a metodologia de ensino sair do tradicionalismo, uma vez que a gramática está sempre sendo construída e reconstruída a partir do funcionamento da língua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos que o ensino de Língua Portuguesa centra-se no estudo da gramática normativa, esse ensino acontece de forma tradicional não permitindo ampliação para as abordagens da função da língua, essa que acontece através da concepção de linguagem que manifestamos a interação comunicativa.

Tomando como base as discussões acerca do ensino de Língua Portuguesa teremos as abordagens funcionalistas que estão voltadas para uma linguística centrada no uso, com isso, a hipótese da linguagem se adapta a qualquer situação comunicativa imposta pelo usuário, neste sentido a gramática reflete essas adaptações.

Para tanto o professor desenvolve um papel muito relevante no processo de ensino/aprendizado do aluno, sendo assim, o docente deve estar sempre ativo com

relação ao ensino da língua Portuguesa levando em consideração que a língua é uma estrutura maleável que está exposta a variações de acordo com o uso da linguagem, desse modo à gramática é construída e reconstruída baseada na função do dialeto.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola editorial, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio). Brasília: MEC, 2000.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; RIOS DE OLIVEIRA, M.; MARTELOTTA, M. E (orgs.). **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

OLIVEIRA, L. A. **Coisas que todo professor de português precisa saber: a teoria na prática**. São Paulo: Parábola editorial, 2010.

OLIVEIRA, G. R. **Português: a arte da palavra, 6º ano**. São Paulo. Editora: AJS Ltda, 2009.